

Uma semana depois do assalto terrorista, quem controla a vila da Mocímboa da Praia?



Uma semana depois da vaga de ataques terroristas em vários pontos do distrito da Mocímboa da Praia e que culminaram com a ocupação da vila municipal, continuam escassas as informações sobre a situação que se vive no terreno. Mocímboa da Praia já era uma vila praticamente abandonada desde finais de Junho, quando foi assaltada pela terceira vez. A população que sobreviveu ao fogo cruzado abandonou a vila e todas as instituições públicas e privadas fecharam as portas, a maioria destruída e vandalizada. O Administrador do Distrito refugiou-se em Pemba e o Presidente da autarquia está em Nampula, faz dois meses. Os ata-

ques da semana passada tiveram como alvos as posições das Forças de Defesa e Segurança (FDS), incluindo o efectivo de fuzileiros navais que protegia o Porto da Mocímboa da Praia, que caiu nas mãos dos terroristas.

Apesar de escassas informações, sabe-se que até terça-feira ainda se travavam intensos combates entre as FDS e os terroristas que ocuparam a vila da Mocímboa da Praia¹. A Estrada Nacional N.º 380, a principal via que liga Pemba (capital de Cabo Delgado) e o distrito nortenho de Palma (o centro das operações petrolíferas) está fechada ao trânsito em toda a extensão que atravessa Mocímboa da Praia,

devido à falta de segurança. Dezenas de camiões transportando mercadorias e material para os projectos de gás de Palma ficaram retidos no distrito de Mueda. A via alternativa de terra batida que parte de Mueda, passa pelo distrito de Nangade e entra em Palma através do Posto Administrativo de Pundandar, não oferece condições para o trânsito de camiões de grande tonelage e com carga contentorizada.

Há menos de um ano, Mocímboa da Praia era a vila mais movimentada do norte de Cabo Delgado. Atravessada pela estrada (EN 380) que liga a turística baía de Pemba com a "capital" do gás, e servida por

¹ <https://www.voaportugues.com/a/confrontos-mant%C3%A9m-tensa-e-deserta-a-vila-da-moc%C3%ADmboa-da-praia/5548406.html>

um aeródromo com capacidade para receber voos internacionais e por um porto, Mocímboa da Praia era a plataforma giratória (hub) que dinamizava os distritos do norte da província. Era ali onde os trabalhadores das petrolíferas que operam na Bacia do Rovuma faziam a escala ou trocavam o avião pelo helicóptero ou mesmo pelo carro e seguiam para o “el dorado” de Palma. Era ali onde os distritos vizinhos se abasteciam com todo o tipo de produtos e bens. Com o relançamento da cabotagem, Mocímboa da Praia era paragem obrigatória dos navios que ligam Pemba e Palma (península de Afungi).

Na conferência de imprensa da semana passada², o Ministro da Defesa Nacional admitiu que a situação continuava “tensa” em Mocímboa da Praia e que as FDS procuravam assumir o controlo. Jaime Neto, que dirigiu pela primeira vez uma conferência de imprensa para falar dos ataques terroristas, disse que apesar das “enormes perdas de homens e de material por parte do alegado Estado Islâmico, o inimigo permaneceu na área denotando ter recebido reforço suplementar em equipamento e homens provenientes de bases fora do território nacional”³.

“Fora do território nacional” é uma referência à Tanzânia, país que faz fronteira com o norte de Moçambique através do rio Rovuma. Os dois países não têm o controlo efectivo da fronteira, por isso os grupos terroristas aproveitam-se dessa porosidade para fazer passar reforços materiais e humanos, incluindo jovens de nacionalidade tanzaniana e outros oriundos da região dos Grandes Lagos. Apesar dos acordos bilaterais de controlo fronteiriço e de cooperação no domínio de defesa e segurança assinados em Janeiro de 2018 entre os Governos dos dois países, Tanzânia é acusada de não estar a colaborar activamente nas operações contra o extremismo violento e na fiscalização das fronteiras, permitindo a entrada de grupos terroristas e armamento em Moçambique⁴.

Entretanto, na segunda-feira, as Forças Armadas da Tanzânia lançaram um ultimato às comunidades que estariam dentro das florestas das regiões de Lindi, Mtwara e Rovuma para que abandonassem os locais antes da ofensiva militar contra alvos terroristas⁵. As autoridades tanzanianas acreditam que alguns terroristas que lançam ataques em Moçambique estejam



escondidos naquelas florestas localizadas na região fronteiriça entre os dois países. Aliás, o Ministro moçambicano da Defesa Nacional disse na semana passada que o único apoio que Moçambique pediu “é a vigilância das fronteiras para não deixar entrar bandidos no nosso território”. Trata-se de um “pedido” feito ao Governo da Tanzânia, país de origem de alguns líderes terroristas que actuam em Cabo Delgado, como os dois que foram mortos em combate pelas FDS, nomeadamente Ndjoroje e Ambasse⁶.

No início da semana, Moçambique assumiu a presidência rotativa da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), durante a 40ª Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo que decorreu virtualmente devido às limitações impostas pela pandemia da Covid-19. O terrorismo foi tema de destaque nas discussões e os Chefes de Estado e do Governo manifestaram apoio a Moçambique na luta contra o fenómeno que ameaça a estabilidade e a segurança de toda a região. Falando na qualidade de Presidente em exercício da SADC, Filipe Nyusi disse que a cimeira apontou para a necessidade de reforçar a coesão e a cooperação entre os Estados membros na prevenção e combate ao crime transfronteiriço, com incidência para o terrorismo e as suas mais variadas formas e manifestações.

Por sua vez, Stergomena Tax, Secretária Executiva da SADC, disse que a organiza-

ção regional irá dar prioridade na elaboração de um plano de acção de combate ao terrorismo, ataques violentos e crimes cibernéticos; e combate aos efeitos adversos das alterações climáticas. Mas a questão que se coloca tem que ver com a capacidade da SADC para enfrentar o terrorismo. O que é que os países da região podem oferecer como apoio a Moçambique na luta contra o extremismo violento? Além do reforço no controlo das fronteiras, como é que os Estados da região podem se envolver na luta contra o terrorismo em Moçambique?

Outra questão que se coloca é: será que o Governo de Moçambique irá efectivamente abandonar os discursos triunfalistas e solicitar apoio para o combate ao terrorismo. Um dos exemplos de discursos triunfalistas sem conformidade com a realidade no terreno foi feito na semana passada pelo Ministro da Defesa Nacional: “O Estado moçambicano ainda continua forte para combater o terrorismo em Moçambique. O apoio que o Estado moçambicano solicitou é a vigilância das fronteiras para não deixar entrar bandidos no nosso território. No combate estão os moçambicanos e com muito orgulho estamos a travar esta luta”. Entretanto, Jaime Neto não mencionou a presença do Dyck Advisory Group (DAG), a empresa de mercenários que foi contratada pelo Governo para apoiar as FDS no combate contra os terroristas.

² <https://cddmoz.org/governo-admite-que-situacao-continua-tensa-na-martirizada-vila-da-mocimboa-da-praia-2/>

³ <https://cddmoz.org/wp-content/uploads/2020/08/Governo-admite-que-situacao-continua-tensa-na-martirizada-vila-da-Mocimboa-da-Praia.pdf>

⁴ <https://www.africamonitor.net/pt/politica/cabdel-grey-2406/>

⁵ <https://www.voaportugues.com/a/confrontos-mant%C3%A9m-tensa-e-deserta-a-vila-da-moc%C3%AAdmboa-da-praia/5548406.html>

⁶ <https://www.africamonitor.net/pt/politica/cabdel-grey-2406/>

CDD



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para a Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beula
Autor: Emídio Beula
Equipa Técnica: Emídio Beula, Agostinho Machava, Ilídio Nhantumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, Janato Jr. e Ligia Nkavando.
Layout: CDD

Contacto:
 Rua Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIRO PROGRAMÁTICO



PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

